

LEGULEIOS

Há muita gente temendo ou fingindo que está temendo pela sorte de nossa democracia. É mesmo um grande consolo ver muitos cavalheiros que tanto prosperaram e foram tão felizes no tempo da ditadura se tomarem de um zelo delicadíssimo pela pureza do regime representativo, se esbaldarem em sutilezas jurídicas e se arvorarem em defensores da virgindade da Constituição.

Eu gostaria de explicar a esses novos democratas e eminentes civelistas que eles não precisam se afligir em vão. Nossa democracia não está moribunda. Ela está exatamente vivendo um grande momento de esplendor, ela está se afirmando com uma força nova. O que torna histórico este momento de nossa vida pública é um fato inédito e altamente animador: pela primeira vez em nossa história está sendo apurado um crime do Catete. Não quero acusar diretamente o sr. Getúlio Vargas nem ninguém de sua família; a responsabilidade indireta do presidente é inegável, pois ele é o culpado da longa impunidade de todos os assassinos e ladrões que o servem neste governo e que o serviram em outros. Não sei se foi o sr. Lutero ou quem foi (mas não esqueçamos que foi alguém mais importante que um simples policial) o mandante desse crime. O que está provado é que ele foi tramado no Catete, foi organizado por gente diretamente ligada à Presidência da República. Os tocaieiros estavam certos da impunidade; essa impunidade estava em nossa tradição, era tranqüila, garantida, batatal, por mais adjetivos que os jornalistas gastassem, por mais que os deputados da oposição se esgoelasssem na Câmara. Assim aconteceu, sempre e sempre; a mesma nota oficial estereotipada aparecia... o governo determinou a abertura de rigoroso inquérito para apurar as responsabilidades... para entregar os culpados à justiça... desfazendo as explorações em torno do fato... avisa que manterá a ordem inflexivelmente..."

Era assim, sempre foi assim, a nossa democracia. No fim não se apurava nada por falta de provas — ou, no máximo, o culpado de condição mais humilde era ligeiramente punido para depois ser recompensado. Era assim — e ainda neste caso começou sendo assim, pois a primeira preocupação foi esconder os assassinos, para depois se fingir que se estava procurando por eles.

Graças a algumas circunstâncias especiais — desta vez não vai ser assim. Desta vez o governo não precisa "manter a ordem" — desta vez o governo é mantido em ordem, é obrigado a suportar que se faça justiça. Ainda no último Grande Prêmio Brasil, quando o sr. Vargas levou a sua vaia habitual (apenas um pouco mais estrondosa desta vez) uma senhorita comentava com um amigo — "mas por que ele insiste em vir aqui?" — quando ia passando o "tenente" Gregório, que ouviu essa frase e desferiu, sem dizer palavra, um violento pontapé na moça, machucando sua perna e inutilizando seu vestido. Isso nem sequer foi noticiado — pois não houve queixa. Assim era, até aquele dia, a nossa democracia.

Democracia — sabe, oh leguleios improvisados! — não é a observância de um rito, de uma fórmula, de um regulamento. Democracia é uma tradição de respeito à pessoa humana, é a aplicação da lei também para os poderosos e os ricos. Este momento é um momento de esplendor para a democracia porque pela primeira vez temos esperança de ver punido um crime do Poder. Até agora nós todos vimos como se roubava e se matava impunemente. Nenhum dos torturadores e assassinos do Estado Novo foi sequer de leve punido; nenhum dos ladrões do Banco do Brasil e da CEXIM chegou sequer ao banco dos réus. Os amigos do governo podiam se entregar ao roubo e à violência (os rapazes do "tenente" Gregório faziam seus biscates) na mais perfeita impunidade. Foi por isso que se praticou o crime da Rua Toneleros.

O importante neste momento, do ponto de vista democrático, mais importante que tudo o mais, é isto: punir todos os criminosos. Isso fará hesitar amanhã, antes de um crime, os agentes do poder. Isso destruirá essa Bastilha de corrupção e de violência, enfeitada ou não de fórmulas jurídicas, em que se transformou o Palácio do Catete. Punir esse crime será uma grande coisa para o Brasil: esses moços oficiais não estão ameaçando instaurar nenhuma ditadura: estão acendendo os fogos de uma grande aurora de Liberdade e de Decência.

7/8/54

R. B.

621